

Questões de gênero em forma de cordel: análise da obra “Coração na aldeia, pés no mundo”, de Auritha Tabajara

João Guilherme de Castro Martins¹



Esta resenha aborda os aspectos culturais que envolvem a discussão sobre a construção do discurso de gênero. Por se tratar de um livro escrito no formato de cordel, a relação com a cultura e a expressão popular são bastante pontuadas ao longo do texto.

A autora

Auritha Tabajara é o nome original e também artístico de Francisca Aurilene Gomes. Nascida no interior do Ceará, desde muito cedo ela escreve cordel. Seu primeiro livro “Magistério indígena em versos e poesia”, publicado em 2004, foi utilizado pela Secretaria de Educação do Estado. Em 2010 publicou um folheto intitulado “Tabajara, toda luta, história e tradição de um povo”. Construiu sua luta sobre as pautas de representatividade de mulher, indígena e lésbica. Com suas próprias palavras, enxerga na literatura “autoexpressão e

¹ Jornalista e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Correio eletrônico: jgcastro.jor@gmail.com.

resistência”. Quebra, ao longo de suas produções, o estereótipo da “mulher indígena”, construída no imaginário social como um povo atrasado e não desenvolvido. Foi a primeira mulher indígena a publicar livro no formato de cordel, colocando nele toda a sua luta e a sua representatividade, sem perder as raízes nordestinas. Ela diz que “feliz será um dia, se o preconceito acabar. Revela com sua arte, um Brasil a conquistar”.

Linguagem e narrativa

O livro é inteiro no formato de cordel, literatura popular muito comum como manifestação cultural do nordeste brasileiro. Como já mencionado, a autora vem do interior do Ceará, de uma aldeia indígena. Auritha consegue articular muito bem o seu formato de escrita com as xilogravuras de Regina Drozina e construir a sua narrativa na literatura de cordel.

Pode-se dizer que o livro se divide em três momentos: o início, que retrata a questão identitária como mulher indígena; o meio, que apresenta a sua jornada nas grandes cidades e a busca pelo reconhecimento como mulher; e o fim, que traz a luta contra a violência e o seu entendimento como LGBT.

Auritha começa a narrativa da sua história com um ritmo tranquilo. Explica sua origem e as primeiras situações que presenciou. Nasceu pelas mãos de sua ‘Mãe-vó’ (termo que se refere à sua avó materna) que era parteira, rezadeira, mezinheira e contadora de histórias. Já logo que recebeu seu nome conheceu o patriarcado e o machismo.

*“Uma menina saudável,
Com o nome a definir,
Vovó a chamou Auritha,
Mas, quando foi traduzir,
Um ancestral lhe contou
“Aryrey” está a vir”;*

*“Mas, para se registrar,
Seguiu a modernidade
Com o nome de Francisca,
Pois, para a sociedade,
Fêmea tem nome de santa
Padroeira da cidade.”
(TABAJARA, 2018, p. 09)*

O que a autora descreve neste trecho representa a dominação patriarcal que já enfrentou quando nasceu. Não tinha o direito de receber o nome que sua avó havia escolhido, e além disso, recebe o nome da “santa padroeira da cidade”, pois precisa sempre carregar consigo a ‘pureza’ que a aldeia e a sociedade em questão haviam lhe depositado.

Logo que começa a frequentar a escola, Auritha relata situações de assédio, preconceito e *bullying*. Apelidos e xingamentos como ‘rabo quente’; ‘feiosa’, ‘bucho quebrado’ eram diariamente ouvidos. Até que por conta de toda a situação, resolve, quando adolescente, fugir da aldeia e seguir rumo à cidade grande.

Com seus treze anos saiu em definitivo. Chegando na ‘cidade’, enfrentou problemas como a falta de adaptação, falta de dinheiro, fome, e como já se esperava, o assédio. Conheceu um rapaz, que logo lhe ofereceu casa e comida. Mas Auritha tão pouco considerou, pois sabia que não seria fácil conviver deste jeito. Com o assédio e abuso disfarçados de elogios, viu logo no início que os problemas apenas começavam.

A partir daqui inicia-se ‘o meio’, que mostra a sua luta para sobreviver nas grandes cidades. Com isso, o ritmo e o estilo da narrativa mudam, assumindo um tom mais combativo.

*““Vamos comigo, menina.
Eu sou homem do bem.
Em casa terás de tudo,
Até uma mãe também”.
Mas Auritha respondeu:
“Não quero ir com ninguém”.”*

*“Eram aqueles olhares
Bem em sua direção,
E voltados ao seu corpo,
Que lhe davam aflição.”
(TABAJARA, 2018, p.20)*

Seguiu caminho para Fortaleza e foi trabalhar na casa de um deputado. Ficou lá até completar quinze anos e decidiu então voltar para sua aldeia. Lá conheceu um rapaz, recém-chegado, e logo se envolveu num romance. Casou, teve quatro filhos. Dois morreram e duas meninas sobreviveram. Viveu no casamento, e por pressão social da aldeia e da sociedade, continuou infeliz até que não aguentou mais. Contou então para sua avó que não gostava de meninos. Auritha então passa pelo processo de reconhecimento da afetividade e entende que, apesar de estar casada com um homem, não precisava (e não queria) continuar com ele.

*“Auritha tinha um segredo
Que não podia contar.
Somente para sua avó
Se encorajou a falar.
Não gostava de meninos,
E não sabia lidar.”*

*“Chorava à noite e pedia:
“Oh, Tupã, meu criador,
Forças estão me faltando,
Devolva-me, por favor”.
Fazendo diminuir
O grande fardo da dor”.
(TABAJARA, 2018, p.27)*

Depois de passar pelo processo de se identificar e entender-se como mulher indígena LGBT, Auritha toma outras decisões para poder seguir seu caminho e então viver, finalmente, a sua vida. Torna-se professora da escola indígena e se dedica ao estudo do cordel. Passados quatorze anos, Auritha já havia enfrentado muito preconceito, repressão e opressão por ser quem era e resolveu sair novamente da cidade. Desta vez com sentido a São Paulo. Deixou as filhas com o pai, na aldeia, e seguiu seu caminho. Porém, após essa decisão, o pai a denuncia ao Conselho Tutelar e exige pagamento de pensão. Auritha passa por uma depressão e por outras dificuldades na capital paulista. E a partir deste momento, a Auritha Tabajara começa a contar sua história de fato. A estética do livro muda. Seu reconhecimento define o ritmo da narrativa que chega à parte final. As xilogravuras até então feitas na cor preta, passam agora a ficar avermelhadas, mostrando um renascimento interno da autora.

*“Neste momento, leitor,
Ficarei no meu cantinho,
Deixando a própria Auritha
Seguir firme em seu caminho
E, de forma cativante,
Contar tudo com carinho:”
(TABAJARA, 2018, p. 31)*

A história contada neste livro termina com o retorno da autora à Aldeia. O seu desenvolvimento na contação de história e o futuro como cordelista, lutadora da cultura popular e com muita representatividade naquilo que apresenta ao público se revelam na

narrativa. Auritha, sem dúvidas, é um marco na literatura brasileira e representa boa parte do país com o seu jeito simples e fácil de escrever, entreter e também, de comover.

Auritha Tabajara vem do interior do Ceará. De uma aldeia indígena parte para São Paulo para construir sua carreira. Tendo as letras como ‘baluarte’, Auritha apresenta a sua luta pela representatividade de mulher, indígena e LGBT.

A desigualdade que presenciou nos tratamentos e no seu dia a dia é apresentada diversas vezes no livro. A relação com a sua comunidade mostra o medo que sentiu ao descobrir-se lésbica. Considerando as tradições e as regras que lhe foram impostas, manteve isso em segredo por diversos anos. Quando finalmente consegue abordar essa questão, teve que sair (pela segunda vez) de casa. Partiu então para São Paulo e vivenciou outra forma de preconceito: a desigualdade de classe. Como ela bem coloca: “Depois de forte batalha buscando sobreviver, assumi minhas raízes e assim pude perceber, tudo aqui tem um padrão: quem tem grana é patrão; o ter é mais que o ser” (TABAJARA, 2018, p.32). A desigualdade social e o preconceito percorrem sempre diversos setores e segmentos. Não há como falar da sua luta pela representatividade feminina, sem falar da representatividade indígena ou LGBT. A luta pelos direitos é interseccional, como defende bell hooks, em seu artigo “Mulheres Negras: moldando a teoria feminista”. hooks coloca que as mulheres negras sempre estarão dentro de um processo de opressão:

Homens negros e mulheres brancas são exemplos de grupos que estão em dois locais do sistema de opressão. Ambos sofrem a opressão e a aplicam sobre outros grupos. Os homens negros oprimidos pelo racismo, mas oprimem mulheres negras. Mulheres brancas oprimidas pelo sexismo branco e oprimem pessoas negras com seu racismo. (hooks, 2015).

Essa situação pode facilmente ser aplicada para as mulheres indígenas LGBTs, pois, estarão sempre em um sistema em que a opressão vem de vários lados. De homens e mulheres brancas, de homens indígenas, homens e mulheres héteros, e assim por diante.

Auritha desconstrói a ideia da mulher indígena fragilizada, imagem recorrente reforçada pelos discursos midiáticos e conservadores. Após se tornar a primeira mulher indígena a publicar um livro de cordel, Auritha demarca o seu lugar e de todos aqueles que representa.

A desigualdade praticada pelos grupos majoritários atinge todos e todas de determinado grupo oprimido, representado no livro pelas mulheres, indígenas e LGBTs. A luta

de Auritha revela os limites da luta acadêmica, pois esse grupo não atinge a todos e todas. Como disse bell hooks, quando descreve o surgimento do movimento feminista negro e apresenta sua crítica à luta das mulheres brancas:

Problemas e dilemas específicos de donas de casa brancas da classe privilegiada eram preocupações reais, merecedoras de atenção e transformação, mas não eram preocupações políticas urgentes da maioria das mulheres, mais preocupadas com a sobrevivência econômica, a discriminação étnica e racial etc. (2015, p. 194).

Gênero, raça e classe estão sempre entrelaçados e suas lutas sempre serão em conjunto. Não é possível pensar um movimento que combata a desigualdade de apenas um destes lados, mas sim um que inclui e luta por todos os grupos minoritários. As pautas são unidas e precisam ser pensadas de maneira a acabar com a sociedade machista, misógina, LGBTfóbica e burguesa, pois esta sempre estará pensando nos seus, e que sabemos, jamais pensará em abrir mão de privilégios violentamente conquistados.

*“Agradeço a Tupã
Por me guardar e inspirar.
Ao meu povo Tabajara,
Pela vida me ensinar.
Se você é como eu,
Sofre ou antes sofreu,
Não desista de lutar”*

*Esta é minha história,
Tenho muito pra contar.
Feliz eu serei um dia
Se o preconceito acabar.
Letras são meu baluarte,
Revelo com minha arte
Um Brasil a conquistar.”
(TABAJARA, 2018, p.40)*

Ficha Técnica:

Título: Coração na aldeia, pés no mundo

Autora: Auritha Tabajara

Ilustrações: Regina Drozina

Editora: UK'A Editorial

Ano: 2018

Número de páginas: 40 p.

ISBN: 9788564045101

Referências

HOOKS, Bell. **Mulheres negras:** moldando a teoria feminista. Revista Brasileira de Ciência Política, [S.L.], n. 16, p. 193-210, abr. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acesso em 20 out. 2020.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo.** Lorena: UK'A Editorial, 2018.